



maçã
do amor



Um a sete	5
Amor literário	13
Ponto e vírgula	15
A diversidade na literatura	24
Você nunca estará sozinha	28
Amar é revolucionário	31
Antes que eles nos peguem	33

Carta da editora

Quantas vezes lemos histórias, querendo encontrar personagens para nos conectarmos? Quantas vezes buscamos em vão, já que nenhum deles se parecia conosco? Quantas vezes imaginamos um “E se fosse assim?”, com um gênero trocado, uma sexualidade diferente, uma roupagem nova?

Toda forma de amor foi a forma que encontramos para dar espaço para outras formas de amar que não o hétero-cisgênero que sempre vemos no mercado, com a consciência de que ainda nos faltam tantas outras, igualmente merecedoras de exaltação. Sabemos que é impossível apresentar todas – sequer seria possível enumerá-las –, já que amor é único em toda a sua diversidade; mesmo assim, não podemos deixar de acreditar em uma sociedade mais tolerante e respeitosa e fomentar o crescimento de espaços para que cada um possa viver e contar a sua história de amor.

Nas próximas páginas, você encontrará um espaço seguro para o amor, como ele quiser ser, pois o amor não foi feito para ser limitado ou discriminado. O amor deve sempre ser livre e colorido.

Luísa Scheid



LOVE

IS

LOVE

Um a sete



Thiago Ambrósio Lage vive no Tocantins e é escritor, co-host no podcast Incêndio na Escrivadinha e editor na Plutão Livros. Além desta terceira publicação na Maçã do Amor (pode pedir música?), já publicou contos nas revistas Égua Literária, A Taverna e Eita!, nas newsletters Faisca e Futuro Infinito, na coletânea Violetas, Unicórnios & Rinocerontes e de forma independente. E a música pedida é "Quem sabe isso quer dizer amor?" na voz de Milton Nascimento.



— E aí, eu sei que tá em cima, é sábado agora, mas você aceita? — Carla sorri com olhos grandes sobre o balcão, observando o primo e colega de trabalho do outro lado, entre um computador e duas pilhas de livros.

Alan abre a pequena caixa de MDF e encontra dentro dois alfajores, uma gravata de listras prateadas, verde-claras e brancas, e um convite escrito em caligrafia delicada: *Aceita ser nosso padrinho?*

— Claro que sim, vai ser uma alegria — Alan responde ajeitando os óculos e abrindo um dos doces. — Minha prima, estou muito feliz por você! Vai ser um casamento incrível, você e o... — Alan confere discretamente o convite. — Arnaldo estão juntos faz um bom tempo, né? Cinco anos já? Mas, casar em plena Copa do Mundo?

— Isso, quase seis. Ah, obrigada, você é muito importante para mim, para nós. E desculpa te falar assim tão perto da data, estamos com um pouco de pressa de casar. Tem isso da copa, mas o Brasil vai jogar na sexta, contra a Colômbia, então ou estaremos comemorando ou lamentando a eliminação. E vai ter jogo aqui em Beagá só na terça. A cerimônia vai ser pequenininha, só família, alguns amigos e uma celebrante numa casa na Pampulha. E mais uma coisa, vou te passar mais um convite, vai que quer levar seu amigo. Oscar, né? Aqui. — Ela tira com agilidade um convite pequeno da bolsa, entrega a Alan com um sorriso, uma piscada e se afasta alegando atraso para o almoço.

Amigo.

Sete anos de relacionamento, destes, quatro morando juntos.

Amigo.

Nem o alfajor tira o gosto amargo da boca. O resto do dia passa num flash, sem tanto tempo para pensar. Alguma vantagem há de ficar no atendimento da biblioteca entre empréstimos e devoluções no fluxo intenso de fim de semestre.

Já em casa, Alan entrega o outro doce a Oscar, contando do casamento às pressas em plena Copa. O namorado ri, se faz de preocupado, e repara no segundo convite pequeno.

— E este aqui, é o meu?

— Sim, Carla disse para eu convidar você, meu *amigo Oscar*. Para mais um casamento. Olha essa gravata, leãozinho, já deve ser a sétima ou oitava. — Alan para e conta nos dedos, balbuciando nomes. — Oitava. Se puxasse mais para o azul, seria da cor do seu olho. Já fui padrinho de sete casamentos. Mas pelo menos não falou nada de camisa. Tenho até que experimentar a minha.

Os dois seguem ao quarto, onde Alan se despe e experimenta sua camisa social.

— Bom, tá melhor que eu, que vou em até três casamentos a cada fim de semana para trabalhar. Vai ser bom eu poder ir como convidado pelo menos uma vez, mesmo que seja como *amigo* do homem mais lindo da festa e sem ter que ficar fotografando. Você fica lindo de terno, e vou ser o homem mais feliz do mundo ao lado do meu ursinho.

— Ainda tem essa, lindo nada. Estou gordo, isso sim, olha isso. — Alan se vira, com a camisa mal fechada na barriga, com os botões a ponto de arrebentar. — Estou parecendo uma pamonha amarrada. Não tem nem dois anos que esta camisa estava boa.

Oscar interrompe Alan com um selinho:

— Lindo sim, pode ser lindo e gordo. Já foi mais gordo e mais magro, mas sempre foi lindo e nunca deixei de te amar. O que importa é que você é meu marido, independente dessas cerimônias. A gente já não vai casar no civil? E um casamento assim seria tão caro, ainda mais agora que vamos dar entrada no apartamento...

— Vamos sim, mas é diferente, você sabe. Resolve questões burocráticas, de plano de saúde, financiamento do apartamento, mas casamento para mim é mais que isso. Ou seria. Bom, na quinta dou um jeito de achar uma camisa depois que sair do Francês. Mais gasto à toa. Vamos jantar, e já aviso que o senhor vai ter que dividir aquele alfajor comigo!

— Nem vem, que o senhor já comeu o seu! Comunhão de bens!

Durante o jantar, Oscar puxa mais assunto sobre os detalhes burocráticos do casamento dos dois do que sobre o casamento de Carla, numa tentativa de elevar o humor de Alan. Depois do jantar, dividem o doce. Depois da sobremesa, se amam sem pressa.

Na manhã seguinte, Alan chega ao trabalho sorridente e radiante. A preocupação com a camisa vai e volta entrecortada por questões do trabalho, lembranças da noite anterior e expectativa quanto ao próprio casamento. Ao chegar do trabalho, ele encontra uma caixa em cima da cama, com uma camisa nova, de grife, e um bilhete.

“Amor, tive que esticar no trabalho hoje, editorial de moda, e não tenho hora pra voltar. Conversei com o pessoal da marca e consegui uma camisa pra você, passei em casa rapidinho na hora do almoço pra deixá-la aqui. Espero que goste. Te amo, Ursinho! Do seu Leãozinho.”

Alan ri com a caricatura meio torta de um ursinho e um leãozinho de juba encaracolada perto da assinatura, e abre o presente sentindo no pacote o cheiro de loja cara. Só aquela caixa deve custar mais que as camisas que normalmente usa. Ele veste a camisa nova e se observa no espelho, entretido em como o tecido suave tem um leve brilho perolado. Ela serve com perfeição, parece feita sob medida. Ele coloca a gravata e o paletó e sorri satisfeito para o seu reflexo. Que seja o oitavo, então.

No resto da semana, o casamento monopoliza os assuntos no trabalho, em casa e até com a família de Alan, na expectativa para a cerimônia — e a festa. Eles vêm direto de Divinópolis no sábado mesmo e chegam para a cerimônia. Uma coisa a menos para ele se preocupar. Sem carro, Alan e Oscar combinam uma carona com Virgínia, uma colega de Alan e da noiva.

No sábado, depois do almoço, o telefone de Oscar toca e, entre “ãhans” e “hum-hums”, suas sobrancelhas se juntam no alto da testa e seu tom de voz vai abaixando. Oferta de trabalho, um fotógrafo fraturou o braço e ele precisa cobri-lo em outro casamento.

— Tem certeza que precisa ir? O casamento vai ser um saco sem você. E minha família vai ficar perguntando. Eles não sabem da gente, mas *sabem*, né? E minha mãe adora você.

— Amor, não estamos podendo recusar trabalho. E talvez lá seja rápido também, eu vou até onde vocês estiverem e pego a festa, pelo menos. Eu levo uma camisa branca na bolsa e troco, quem sabe não dá tempo?

Alan suspira e engole em seco.

— Tudo bem. Mas é foda, parece que minha vida, nossa vida é assim. Um eterno “na volta a gente compra”. Tudo pela metade, aos pedaços, nos intervalos, escondido. Depois de tanto tempo aprovam um casamento que não é casamento, mas vale na lei como se fosse. Sempre complicado, difícil, depois. Ou temos que desistir, com medo. Toda hora isso, o “seu amigo”, o “cara que mora com você”. Pior que nem com mais dinheiro acho que seria diferente. E lá vou eu, sozinho, ser padrinho mais uma vez ao lado de uma desconhecida.

— Ursinho, você não está sendo justo. — Oscar larga o telefone e envolve o companheiro num abraço forte. — Olha tudo que já construímos juntos, as coisas que conquistamos. Nosso sentimento. Dentro do que pudemos,

fizemos e vivemos o máximo, coisas que nem imaginávamos. E ainda temos muitos anos pela frente e mais coisas boas podem vir. Mas eu te entendo, tem dia que bate mais forte.

— Desculpa. Eu acho que só estou cansado. Eu falo isso agora mas na festa me divirto, acho tudo lindo. E minha prima merece ser feliz com o boy dela. Se for pra eu ser coadjuvante mais uma vez, que seja. E mais uma, e mais uma. — Alan enxuga algumas lágrimas que escaparam furtivas e dá um sorriso. — Bom, mas pelo menos vamos nos arrumar juntos e você vai me ajudar com a minha gravata, que sempre deixo meio torta.

Os dois prontos, Oscar sai rumo ao trabalho e Alan espera sua carona na sala, ainda falta mais de uma hora. Ele pega um livro qualquer na estante e relê as primeiras páginas, que se tornam os primeiros capítulos quando o ponteiro do relógio atravessa a hora e além. Virgínia se atrasa cinco, dez, quinze minutos. Alan larga o livro e tenta fazer um exercício de respiração, mas ainda assim começa a suar no terno, apesar do clima de julho. Manda uma mensagem. Sem resposta. Vinte minutos. O que acontece se um padrinho se atrasar? Vinte e três. Será boa ideia chamar um táxi? Vinte e sete. Devem tocar o casamento mesmo assim, para ele acontecer só precisa de noivos e de celebrante. Meia hora. Tem o pessoal para assinar o papel, testemunhas. Mas isso, qualquer um faz. Trinta e quatro minutos. Mensagem: estou aqui embaixo, desculpa o atraso, tive problemas na maquiagem.

Alan desce as escadas de dois em dois degraus. Será que foi assim que o outro fotógrafo quebrou o braço? Tudo aqui: convite, a gravata certa, o melhor perfume. Boa noite, boa noite. Desculpa, sem problema. Acho que dá tempo de chegarmos antes da hora marcada para os padrinhos. E a Alemanha? O que tem a Alemanha? Na copa, o jogo de terça, vai ser aqui, semifinal. Ah é? Contra quem? Brasil. Ah sim, não acompanho futebol. Acho que vai dar tempo. Eu também acho.

Não deu tempo.

Já estavam todos dentro do salão, do lado de fora uma moça do cerimonial e alguns casais, entrando um de cada vez com seus ternos escuros e vestidos turquesa. Pela porta, Alan espia, não há ninguém lá na frente além do fotógrafo registrando a entrada dos padrinhos. Pelo menos não tinha começado. Nos alto-falantes uma voz feminina entoava *La Vie en Rose*. Virgínia mal se despede e desaparece dentro do salão.

— Sou Alan, padrinho da noiva.

— Ah sim, você é o Alan. Um momento, deixa eu ajeitar aqui, a gravata está ok, é um belo nó. Vou só prender esta flor aqui. — Ela prende com habi-

lidade um cravo verde-claro na lapela do atrasado. — Mas tem um problema, uma das madrinhas faltou, estão achando alguém pra substituir lá dentro, não conseguimos contato com a noiva. Você conhece alguma convidada que poderia entrar com você? O noivo te deu permissão de escolher.

A fila à frente deles ia diminuindo. Escolher uma madrinha? Ele não tinha ideia da lista de convidados. Mas ninguém se oporia a uma tia como madrinha. É isso.

— Minha mãe, Dona Ondina. — Alan fica na ponta dos pés tentando identificar sua mãe naquele mar de cabeças. — É aquela na quarta fileira, com o vestido coral. Está destoando das outras madrinhas, todas de turquesa.

— Não tem problema, depois a gente vê como ajeitar nas fotos, melhor que um casal a menos ou você entrar sozinho.

A cerimonialista diz algo ininteligível pelo rádio, e logo Dona Ondina recebe um tapinha no ombro, um cochicho e sai para encontrar o filho do lado de fora.

— Você está lindo!

— Ah, mãe, você sempre diz isso, e a senhora está um arraso! Deve estar mais bonita que a noiva, a Carla que não me ouça.

Ondina ri com os olhos brilhantes e alisa a lapela do paletó do filho.

— O que é isso, mãe, vai se emocionar agora? Espera a Carla chegar pelo menos!

— É que ver você assim, me lembrou do seu pai, de quando nos casamos. Só isso.

— Gente, vocês são depois deste casal. Um passo de cada vez. Esperem eles chegarem lá na frente e se sentarem antes de entrar. Eu dou o sinal. Dêem um passo de cada vez, não tem segredo.

O último casal se assenta. A música abaixa um pouco e outra se inicia. *True colors*. A cerimonialista dá o sinal. Um passo, uma pausa, outro passo. O fotógrafo que registrou a entrada dos outros padrinhos fica de pé entre as duas fileiras no fim do corredor e entrega a câmera a um outro que passa a fotografar Alan e sua mãe. Aquele homem fica parado perto da mesa com seus cachos castanhos e seus olhos azuis fixos em Alan. Ele também tem um cravo verde-claro na lapela.

Todos os convidados se levantam. Dona Ondina não segura mais o choro. Alan percebe, mas não entende. Ou entende e não acredita. Ele sente seu corpo todo formigar e tudo passando como um filme. Ele aceita que tudo é real e suas lágrimas também correm uma a uma. Nos cantos das fileiras, mais cravos verdes amarrados por fitas multicoloridas, nas cores do orgulho.

Lá na frente, Oscar oscila jogando o peso de uma perna pra outra, como ele sempre faz quando fica nervoso. Ele gesticula com a boca: “eu te amo”. “Eu também”, gesticula Alan.

Eles estão juntos, Oscar abraça a sogra. Os noivos dão as mãos.

— Você é maluco. Como fez isso?

— Eu não, nós. Todo mundo ajudou. É o nosso presente de casamento.

Do outro lado da mesa, um pigarro. Outra presença surpreendente ali: a professora Yolanda do departamento de filosofia. Terror de muitos e admirada por todos, famosa por seu brilhantismo e sua rispidez. Ela se levanta, cabelo chanel com todos os tons entre o branco, o castanho-claro e o preto de sucessivas tinturas. Óculos grossos, de tartaruga. Um terninho claro e um broche de arco-íris.

— Silêncio, por favor. — A voz dela sai rouca, apesar do pigarro. — Tenho que falar algumas coisas aqui. O assunto hoje é o casamento e o amor.

Alan segura o riso esperando que ela inicie uma apresentação em *PowerPoint* no primeiro casamento-gay-aula da história da humanidade. Oscar aperta a mão dele e faz um semblante sério. Era difícil imaginar quem deu a ideia de convidar a professora para celebrar a cerimônia, mas não tinha escolha mais acertada. Durante quase meia hora ela fala sobre o amor, o que é o amor, dos tipos de amor de acordo com os gregos e porque era importante amar e ser amado. No salão só se ouve a voz dela, os flashes das câmeras e uma ou outra fungada chorosa.

Mais que uma festa ou celebração, Alan percebe o que estar ali representa para ele, Oscar e muitas outras pessoas. Hora dos votos, e como falar algo decente depois disso tudo? Oscar é o primeiro. Fala de como se conheceram num site de relacionamentos. E como sempre brincaram que iam mentir que se conheceram no supermercado. Em como um encontro meio ao acaso e com nenhuma pretensão virou um segundo encontro, e um terceiro e um quarto, num namoro que surgiu não da formalização de um pedido, mas da constatação de um fato após dois meses juntos. O pedido veio anos depois, mas de casamento. De novo para formalizar algo que já era real.

— E hoje peço de novo para que seja meu namorado, meu amor, meu marido. E vou pedir de novo todo dia, até o último — Oscar conclui com a voz embargada. Alan pega o microfone com as mãos trêmulas e as pernas bambas.

— Difícil até ter voz depois disso tudo. Desculpem a emoção e, bom, eu obviamente não preparei nada. Sou grato a todos e especialmente ao Oscar. Essa semana foi turbulenta, e eu jamais imaginaria que iria terminar assim. Mas se não preparei nada hoje ou para hoje, acho que o preparo mesmo foi

em todos estes anos juntos, no dia a dia. O nosso casamento para mim é mais que uma base, ou um ponto de partida: é uma nova fase, algo que vem coroar uma construção já em andamento. Uma nova camada. E quero continuar a construir isso com você, pra sempre, todo dia, pouco a pouco. Te amo!

Yolanda faz uso da palavra e abençoa a união, permitindo aos noivos que se beijem. Eles vacilam. Trocam cochichos, “aqui, na frente de todo mundo?” “Mas se eu não puder beijar meu marido entre amigos e família, vou poder quando?”

— E esse beijo, não sai? — Alan reconhece a voz de Carla vindo das cadeiras.

Sob gritos de viva e palmas, marido e marido se beijam sem pressa e com carinho. E a música no salão ao lado convida a todos para uma festa onde receberão os cumprimentos.

Muita gente da família, muita gente do trabalho, alguns vizinhos, colegas de Oscar e a família dele. Uma ou outra ausência foi sentida, mas em meio a tanto amor de tanta gente, esses dissabores ficam pequenos e distantes, ao menos por uma noite. Tudo é festa e fica apenas o grande, o maior problema no casamento entre dois homens: como ter arremesso de buquê se não há noiva?

Carla faz uma sugestão, podem unir os cravos e jogarem juntos, para todos os convidados. A bagunça organizada se forma. Os noivos topam a brincadeira. Enrolam os arames dos cravos e os arremessam juntos para trás entre gritos e assovios dos convidados. Se viram e encaram Virgínia assustada com as flores na mão.

— Gente, peguei por reflexo! E tanta gente querendo! Ainda mais eu que estou solteira.

— Bom, agora só falta um noivo, né? — Uma voz não identificada sai do meio do bolo de gente.

Virgínia ri, prende as flores na alça do vestido e brinda ao ar com espumante.

— Ou noiva, né? — O salão de festas explode em risadas, e nem mesmo Virgínia acredita que falou isso em público pela primeira vez na vida.

— Você tem que dançar essa com a gente! — Os recém-casados a abraçam e a arrastam para o meio da pista de dança enquanto o DJ volta ao seu posto e retoma a festa.

O riso de todos se mistura aos primeiros acordes de *Toda forma de amor*.

Autoria: Alan Antunes

Amor Literário



Alan Antunes é um psicólogo e ilustrador apaixonado por desenhar casais LGBTQIA+ e corpos diversos. Mora em São Paulo há 8 anos e ainda tem sotaque do interiorr

 [@naslinhasdesaturno](https://www.instagram.com/naslinhasdesaturno)

.raslinhasde Saturno.



Ponto e vírgula



Morgana Feijão é cearense, estudante de Letras e uma grande sofredora para encontrar um terceiro qualificador para colocar em biografias. Grande entusiasta do amor e da paixão, gostaria de utilizar esse espaço para pedir desculpas a todos os amigos a quem aconselhou para se declararem logo porque o amor vale a pena e que se arrependeram. Mas vale a pena, sim.



@erosinbetween



@morgfeijao

A questão era que a dona Mazé estava nervosa.

Aliás, voltemos um pouco: a questão era que já nem conseguia pensar em si mesma sem esse *dona* na frente, de tanto tempo que era dona Mazé naquela rua. Fosse o tempo em que ainda era só Mazé... bom, aí também não funcionaria muito. Corou, balançou a cabeça e riu de si mesma. Imagine se fosse no tempo em que ela era menina ou mulher jovem; não, não. Impossível. Além do mais, era tudo culpa da neta — claro que era! — e se não fosse a neta, ela não teria nenhum pensamento daquele tipo. Quase queria pegar o telefone e ligar para a Sarinha, mas Deus sabia o tanto que a sua neta fugia de uma coisa simples como atender o telefone.

Sentia-se um tanto ridícula. Naquela altura do campeonato. Viúva fazia dez anos, dali dois meses seria seu aniversário de setenta e sete. Se pudesse conversar com Sarinha — mas a menina não atendia um telefonema! — diria algo sobre a vida quando se tinha consciência da *reta final*. Mas, pensasse mais um pouco na situação, já caía de novo em contradição. Se estava na reta final, como todos diziam — afinal, parecia que as mulheres entravam na reta final depois dos vinte e cinco, então quantas retas finais ela já tinha somado? — o que é que seu coração queria, batendo daquele jeito?

Dona Mazé se casou com seu Carlos quando tinha recém-feitos dezoito anos – e ele, vinte e três. Passou a vida inteira casada e aqueles dez anos enviuvada – que Deus a perdoasse – pareciam até bonzinhos. *Bonzinhos*, não bons. Carlos era um bom marido, direito, íntegro e não era como se dona Mazé não tivesse consciência do que os homens eram capazes de fazer dentro de casa. Carlos era gentil e carinhoso, do seu jeito. Ela o amava, ele a amava — mas paixão... coração acelerado, vontade de conversar e estar perto, muito perto... Pensando bem, casar-se com Carlos tinha sido como se casar com um colega *ajeitadinho*, que com o passar do tempo havia sido promovido a melhor amigo e companheiro da vida inteira. E foi dessa união que nasceram Mário, Janete, Glória e Joaquim. E deles, os netos queridos... Era uma vida inteira, e dona Mazé era grata.

Aqueles dez anos foram *bonzinhos*, porque pela primeira vez tivera algum tempo sozinha. Até os dezoito, na casa dos pais, era a irmã mais velha, responsável pelo bem-estar dos irmãos. Depois, namorada, noiva, esposa, mãe e avó. Os dois últimos qualificadores eram eternos, e que bom que eram, mas... Mas ter a casa só para si, comer o que queria, ir dormir e acordar quando tinha vontade — ter a casa e a vida só para si, nunca tinha passado por isso, e era bom demais.

Mas agora...

Suspirou, foi até o armário, na gaveta em que guardava lembranças. Sarinha tinha pedido a ela que jogasse fora todas as fotos da infância e do começo da adolescência, de quando Sarinha ainda não era totalmente Sarinha, e dona Mazé, que amava muito a neta, respeitou o pedido, menos por uma única foto, nos primeiros dias de Sarinha, com ela nos seus braços, pequenininha — e dona Mazé não se sentia mal por ter guardado aquela, um bebê pequeno daquele não era menino nem menina. Tinha até riscado o nome antigo, escolhido pelos pais da neta, da parte de trás da fotografia, e com caneta vermelha escrito, orgulhosa e emocionada, “Sara, vinte dias de vida”. Sara! O nome da sua mãe, a bisavó que Sarinha nunca conhecera. Era tão fácil a mudança para Mazé: se era Sara agora, seria Sara para sempre na sua memória.

Pegou o telefone. Poderia telefonar. Considerou que estava pensando tanto que a neta não atenderia pelo simples motivo de que não queria ligar. Imagine, falar dessas coisas. Imagine, sentir essas coisas. Ela era velha! Não tinham prometido que sua vida estaria acabada? Ainda mais depois de viúva! Não seria só a espera para se unir com o Criador e ponto final? Olhou para as mãos — pele marrom, enrugada, com manchinhas, as veias enormes. Andou até o espelho. O rosto era todo marcado pelo tempo, que com suas mãos tinha puxado os olhos um pouco pra baixo, marcado um tantinho a testa, colorido os cabelos de branco, deixado o nariz maior, os lábios um tantinho caídos. Riu seu riso de dentadura, nem os dentes o tempo tinha poupado. E esse corpo, ainda amava, ainda tinha suas vontades? Pôs a mão na bochecha. Ela existia, ainda? Ora, com o passar dos anos, descobriu que muita crença não passava de papo furado. Talvez achar que a vida na velhice fosse apenas teimosia, infantilidade retomada e espera pelo fim, fosse mais um.

Com o telefone em mãos, ponderou, ponderou. Quando se casou com Carlos, não havia ponderação. Não havia eletricidade — ai, como era, como estava boba! Tinha sido poupada de ser boba por cinquenta anos. Tinha sido poupada ou privada? Essa angústia misturada com um pouco de vergonha — perguntava-se: como a família reagiria? Os netos tinham a mente mais *aberta*,

mas os filhos? Tinha criado todos eles para serem íntegros, direitos, pessoas boas e gentis, mas se o assunto era a mãe apaixonada, como seriam? Se não os filhos, como o bairro reagiria? E de novo, de que importava? Dona Mazé iria fazer setenta e sete anos, mas já se considerava, espiritualmente, com oitenta. Uma mulher de oitenta anos ainda tinha que dar satisfação pra alguém?

Não era dar satisfação — era compartilhar... queria compartilhar. Céus! Abriu o contato de Sarinha. Se contasse pra alguém, se tirasse aquilo de dentro de si, então seria verdade verdadeira, não poderia engolir de volta as palavras, fingir que não estava acontecendo. Quando falasse, pronto. Sem escapatória. E queria escapatória?

No momento em que tomou a decisão de telefonar, a campainha tocou. E dona Mazé soltou o telefone, ainda de frente para o espelho, agora com outro olhar. Era uma mulher do seu tempo — a campainha, tinha que atender! —, não pôde evitar uma arrumadinha no cabelo, passar um tico de colônia no pescoço. Tudo isso muito rápido. Conferiu os dentes. Tudo limpo. De novo — isso vinha acontecendo tanto — riu para si mesma.

Andou até a porta. O olho mágico só confirmou a esperança. Dona Mazé abriu a porta e o sorriso.

— Mazé! — Ah, seu nome sem o enfático *dona*, naquela voz calorosa, amiga, amável. — Olha, eu estava sem fazer nada em casa, aí fiz esse bolinho...

— Pode entrar, Conceição — disse Mazé, dando espaço. A outra nem tinha pedido e nem precisava. Sorriam uma para a outra, cúmplices. — Tu tá que é muito boleira, todo dia um bolinho diferente — brincou. Era verdade. Toda tarde, Conceição aparecia com bolo.

— Ah, o Pedrinho tá passando as férias comigo, o menino come que é uma beleza — riu Conceição. Mazé sentiu uma pontadinha no coração por vê-la, como a via todos os dias, movendo-se na sua casa, no seu espaço. Tinha passado da timidez inicial do coleguismo para Conceição entrando sem se fazer de rogada, já rumando para a cozinha. Agora Mazé passaria um cafezinho e elas comeriam bolo e papeariam a tarde inteira...

Conceição havia se mudado para o bairro coisa de pouquíssimo tempo. Eram quase vizinhas de porta. Na verdade, ela não queria se mudar, mas o filho havia insistido — insistido para que Conceição fosse morar com ele, veja só. Conceição disse que isso não, aí já era demais, mas aceitou mudar para apenas dez minutos de carro do filho. Essas crianças, quando cresciam, passavam a se achar os donos da autonomia dos pais.

Conceição — Mazé já tinha ouvido chamarem-na de Ceixa, mas *Conceição*, aquele nome cheio na sua boca era tão... *tão* agradável de ouvir e de

dizer! — era mais nova, tinha só setenta. Mas viúva há muito mais tempo: casara-se aos vinte e cinco, aos trinta era viúva e lá se ia uma vida inteira de solteirice enviuvada.

Desnecessário dizer que Mazé nunca tinha sentido aquilo antes. Nunca tinha sentido pelo marido e nunca tinha sentido por outra mulher. Ao menos, ela achava. Era sempre mais fácil ser afetuosa, carinhosa com mulheres e Sarinha já tinha dado longas explicações para ela sobre isso: era tão mais fácil que mascarava outros sentimentos, tão mais fácil que tantas mulheres viviam pensando que era apenas amizade o arrepio no braço, o pulo no coração, o sorriso nos olhos afoqueados ao estar na companhia de outra. O que importava agora era que, quando Mazé estava com Conceição, ali, na sua sala, comendo bolo e tomando café, conversando e rindo, sentia tudo o que as novelas a acostumaram a sentir indiretamente. Sentia-se quente e feliz, macia, suave. Queria usar as palavras mais bobas que pudesse. E — Deus! — sentia-se *assanhada!*

Agora, era importante dizer que ela e Deus já estavam resolvidos. Já tinham se resolvido na época de Sarinha, estavam resolvidos agora. Ia para a missa tranquila. Entendia por que Sarinha não acreditava em Deus e por mais que isso doesse um pouco o coração, fazer o quê? O que muitos dos seus colegas de oração e de crença não entendiam era que Deus era muito maior e muito mais importante do que o que qualquer padre pudesse falar. E aí se o padre Graciliano pisasse fora da linha e dissesse algo que ferisse Sarinha e as outras tantas pessoas como ela, direta ou indiretamente! Mazé sairia da igreja sem nem pestanejar.

Não, ela já era velha, já tinha vivido demais para esses pormenores. Foi ela que interferiu por Sarinha quando Glória e o marido ainda estavam lutando, indo contra a mudança de nome, as saias enchendo o guarda-roupa, os batons preenchendo os lábios. E olha que Glória tinha até feito faculdade... Puxou a orelha da filha e deu a palavra final! Pelo menos a idade ainda servia para alguma autoridade.

A questão era que dona — era que *Mazé* estava nervosa. Mas não estava nervosa por sua idade, por Deus, por outra mulher. Entendia que os jovens ficassem enervados, tensos, que se questionassem; e, para ser justa, ela tinha se questionado muito nas primeiras semanas, percebendo como seu coração e seu sorriso ficavam com Conceição. Isso tudo, agora, pacificado. O que a deixava nervosa, o que mexia com ela, era a novidade de tudo aquilo. Sentia-se enfim fazendo parte de algo que sempre só ouvira falar, que nem mesmo perdia tempo imaginando como seria. Achava que não seria para ela, quando se casou com Carlos e nunca veio o arrepio. E achava que tudo bem estar as-

sim, e até que estava, até o aparecimento — presente de Deus!, ela sabia — de Conceição.

— Olhe, Mazé, tô contando isso pra ti porque sei que tu me entende como ninguém — Conceição aproximou o rosto. Mazé ficava encantada pela sua expressão conspiratória, o sorriso no canto da boca, os olhinhos que brilhavam, ainda brilhavam, brilhavam como só os olhos de quem vivera muito podiam brilhar. — Mas eu tô por aqui com a Silvana... outro dia peguei ela atarantando o padre Graça na rua, acredita? E foi pra falar besteira... Não vale nem a pena repetir, ave Maria, que Deus perdoe uma alma mesquinha daquela, porque eu mesma... — Fez o sinal da cruz. Mazé não segurou uma risada. Silvana era daquelas velhas carolas que olhavam torto quando Mazé ia no mercado com Sarinha. Essa laia, só Jesus na causa mesmo.

— Faz tempo que Silvana se intrigou comigo. — Mazé bebericou o café. — Mas não me faz falta nenhuma. Acho que a idade faz com que a gente perceba que tem mais é que manter por perto quem quer ficar por perto e mandar pra longe quem não quer.

Conceição abriu aquele sorriso largo dela, as sobrancelhas arqueadas. As leis não ditas da mulher velha diziam que idosas de respeito tinham cabelinhos curtos, de nuvem. Era assim que Mazé deixava o seu. Mas o cabelo de Conceição era longo, espalhado nos ombros, branco. *Cabelo de doida*, tinha murmurado Silvana uma vez; e Mazé só pensava em como devia ser triste não enxergar a beleza do mundo.

— “A idade”! — troçou Conceição. — Tu fala como se fosse muito velha...

— Falo porque sou, e gosto.

A isso, o olhar de Conceição se transformou em surpresa — e logo voltou para aquele jeito manso, brincalhão, brilhante. Se algo consolava Mazé em seu nervosismo de primeiro amor (primeiro amor! Imagine, ter primeiras vezes ainda) era que Conceição sorria tanto quanto ela.

— É verdade. E eu também. — E então, Conceição colocou a mão sobre a mesa, sobre a mão dela, aquela mão quente, que fazia bolo e passava café, que costurava as roupas do neto, que já tinha segurado tanta gente e tanta coisa. Agora, ali estava, segurando a mão de Mazé, que sentia o coração pular com todos os carneirinhos do mundo. — Que bom que somos.

Podia ficar ali, naquela suspensão do tempo. Aquela mãozinha na sua. O toque áspero e delicado, macio e enrugado. Os olhos no seu, olhos marrons, pequenininhos por trás dos óculos que por vezes ficavam pendurados pela cordinha no pescoço, e Mazé achava que eram um charme só. Ai, que era um sentimento tão bom, tão gostoso, tão quente. Não tinha motivo pra

receio, pra vergonha. Ela agora era só calor e maciez, toda derretida. Pela primeira vez, pela primeira vez na vida.

Já tinha vivido — achava que tinha — toda forma de amor: pelos pais, pelos irmãos; pelo marido, até — companheirismo era amor —, pelos filhos, netos, por Deus. Que presente era esse que recebia, depois de tanto tempo, abrir uma caixinha e descobrir que ainda havia o que sentir? Amor por Conceição, que de alguma forma se tornava também amor por si mesma, por quem podia ser, por quem era com ela, pela possibilidade. Amor pelo possível, ainda, depois de tanto tempo — e possível, ainda.

Sentia que iria contar a ela, ali, naquele instante. Que as palavras cruzariam a fronteira dos lábios tranquilas e serenas. Mas — oh, Divina Providência! — o telefone tocou. Mazé riu, desperta, e Conceição riu com um quê de encabulamento, pelo menos foi o que Mazé pensou. Soltaram-se as mãos, Mazé murmurou que voltava em um instantinho. Poderia ter contado tudo, pensou, caminhando para o telefone. Porém — e havia algo de divertido ali — era seu primeiro amor, ela já tinha assistido tantas novelas, é claro que um telefone iria interromper! Antes o *trim-trim* do que algum marido revelando que na verdade nunca havia morrido.

— Alô?

— *Vovó!* — A voz de Sarinha, inconfundível, do outro lado. Mazé se sentou, pensando em Conceição na cozinha, o rosto meio corado, aquele olhar meio de lado. Era mesmo para ser: passara o dia querendo falar com Sarinha. — *Tudo bem com a senhora?*

— Minha filha, se tu soubesse como eu quis te ligar hoje!

— *Oxe, e por que não ligou?*

— Vocês, crianças, odeiam atender o celular, eu vi na televisão.

A risada cristalina da neta soou do outro lado.

— *Justo. Vó, é que eu tava pensando em ir aí pra almoçar amanhã... e levar uma pessoa pra senhora conhecer.*

— Uma pessoa... sei!

Outra vez aquela risada que Mazé amava mais do que tudo.

— *É sério! Uma pessoa séria. Ariel, o nome. Podemos ir?*

— Ariel, nome bonito. E claro que sim, filha, desde quando tu precisa de autorização pra vir ver tua avó? A porta da casa tá aberta sempre pra ti, qualquer hora. Essa coisa de ligar pra pedir é da juventude.

— *Alguma geração tinha que estabelecer limites, dona Maria José! Mas estamos combinadas...*

— Eu também vou ter uma convidada amanhã, viu.

— *Tá certo, vó. Vou descer do ônibus agora. Beijo, 'té amanhã!*

Mazé suspirou. É claro que Sarinha não imaginava nada. E não tinha problema nenhum, as crianças eram assim mesmo; viam a velhice como ponto final, não como ponto e vírgula. Quando Mazé contasse, aí sim. Conseguia ver a empolgação da neta como se já estivesse acontecendo. Quando ela contasse...

Voltou para a mesinha da cozinha. Conceição estava lá, beliscando um bolo. Levantou os olhos para Mazé e assim ficou, o olhar entregue, aquele jeitinho de quem ainda sonhava e muito, que ainda podia e iria fazer muito da própria vida.

Quando Mazé contasse...

Sentou-se na mesa e estendeu a mão, um convite. Pareceu-lhe outra vez que Conceição estava surpresa, mas logo ela repetiu o gesto. Estavam de mãos dadas.

Quando Mazé contasse, seria tão bom, tão leve! Mas uma das graças do primeiro amor era guardar o gostinho para si, só mais um momentinho, só um instantinho a mais.

— Almoça comigo amanhã.

— Olha que eu venho todo dia. — A voz de Conceição era molinha que nem o coração de Mazé.

— Pois venha.

Tinha vivido tanto — e tanto pra viver ainda.

Riram uma para outra, antes de Mazé servir mais um tantinho de bolo nos pratos.



A Diversidade na Literatura



Tati é paulistana, nascida em 1992. É formada em Psicologia e trabalha com Escrita e Produção de Conteúdo. Como boa amante da literatura, é escritora, mas, antes de tudo, uma grande leitora – do tipo que não sai de casa sem ter ao menos um livro em sua companhia. Possui um blog, contos publicados em antologias, e também dá seus pitacos criativos na LAB Conteúdos.

 @tatianelucheis

A representatividade é colocada em pauta cada vez com mais frequência. Discutimos a importância de ambientes plurais, de diversidade no trabalho e de representatividade em questões sociais.

Na cultura e no lazer não poderia ser diferente: **é fundamental discutirmos a importância da diversidade e o papel que ela ocupa na arte.**

A diversidade tem o poder de aumentar as **possibilidades** em cena. Talvez você nunca tenha sentido isso na pele, mas a sensação de se ver representado por um personagem principal é constantemente negada para muitas pessoas. Há um padrão estabelecido — branco, heterossexual, cisgênero, classe média — e, em geral, quem foge a esse padrão raramente se vê representado ou descrito na literatura e no cinema, por exemplo. E mesmo quando acontece, não tem um papel de destaque ou, o que é ainda pior, é apresentado em uma situação indigna ou estereotipada.

Identificar-se com alguém que está sob os holofotes, na vida real ou na ficção, contribui com a construção da identidade e da autoestima de cada um. É muito importante que, ao longo da vida, uma pessoa possa perceber que seus pares têm oportunidades e possibilidades diversas. Isso abre portas, eleva a motivação e pode ajudar na realização de sonhos e concretização de projetos.

Especialmente para o jovem, que vive um momento de autodescoberta e formação de sua identidade, é fundamental se deparar com uma pluralidade de realidades, de maneira que possa se sentir contemplado e ao mesmo tempo entender que não existe uma única forma de ser. E, justamente, por isso, os autores precisam ter muita responsabilidade ao produzir conteúdo para tal público.

Nesse sentido, **a representatividade contribui com informação ao público, diminuindo pensamentos e atitudes preconceituosas.** Vivemos em um país muito grande e com cultura e costumes variados. **Já que os leitores são diversos, as histórias também devem ser!** E isso tem se refletido na produção de obras literárias, com sua aceitação crescendo a cada geração.

Ser representado, sentir-se acolhido e saber que suas diferenças são aceitas e valorizadas, é **mostrar aos jovens que ser diferente é normal e que eles não estão sozinhos** na luta contra o preconceito.

Queremos mostrar que todos são capazes e podem viver seus próprios finais felizes!

É com muita alegria que vemos o número de obras com protagonistas da comunidade LGBTQIA+ aumentar, porém o mercado editorial ainda pode melhorar muito! **As histórias nacionais que englobam minorias e narrativas diversas têm cada vez mais adesão**, mas ainda falta um equilíbrio na representatividade de autores e vozes, afinal, não adianta falar em diversidade se todas as histórias forem escritas do ponto de vista de pessoas que estão dentro do padrão dominante.

A diversidade de autores está relacionada com a possibilidade de podermos escutar de quem sente na pele, de quem não tem sido representado, o que eles realmente querem dizer. Além disso, é a possibilidade de a retratação ser mais próxima da realidade e não meramente idealizada. O que não significa que aqueles que estão dentro do padrão não podem escrever sobre minorias. Pelo contrário! Devem escrever sobre minorias também, mas sua atenção precisa ser redobrada. **Não existe certo ou errado**, mas toda vez que um autor for escrever sobre algo que está fora ou distante de sua realidade, é importante pesquisar, adotar uma atitude respeitosa de curiosidade e, sempre que possível, conversar com as pessoas representadas em sua narrativa.

Uma boa dica é pedir para alguém fazer a **leitura sensível** da obra. Esse tipo de leitura consiste em uma revisão e leitura crítica feitas com o propósito de analisar a linguagem e a representação de minorias em uma história. Sendo assim, visa procurar incoerências nos discursos, uso de palavras e termos que reforçam estereótipos e, claro, preconceitos linguísticos. Esta é **uma forma de garantir que exista representatividade na literatura, e que ela seja abordada com responsabilidade, empatia e coerência**.

Enquanto a leitura crítica se preocupa com a estrutura geral do texto, a **leitura sensível olha para os seus personagens e situações**, a fim de identificar se existe alguma afirmação ofensiva ou equivocada na narrativa. Assim, a literatura se torna um lugar de voz e acolhida, garantindo diversidade de personagens e histórias e trazendo mais representatividade para os leitores.

Além disso, é importante para todos, independente de cor, gênero ou classe social, reconhecer a diversidade de personagens e entrar em contato com realidades diferentes da sua. **A escrita tem o poder de trazer visibilidade**

de a causas pouco familiares a nós.

A literatura nos permite exercitar a empatia, uma vez que podemos nos colocar no lugar de outra pessoa e ver o mundo a partir de seus olhos. Cada vez que lemos algo que está fora da nossa vivência, temos a oportunidade de aprender coisas novas e expandir nossos horizontes.

Pensando nisso, a **Edição *Toda Forma de Amor*** reúne histórias cujos protagonistas não têm medo de amar e enfrentam a resistência em nome de ser quem são.

Se você quiser conhecer mais e se aprofundar nas leituras, fizemos **uma seleção de autores nacionais** cujos protagonistas representam a comunidade LGBTQIA+:

Conectadas, de Clara Alves;

Somos, uma antologia de contos organizada por Ednan Gomes;

Ela, videogames e muito sobre nós, de Koda Gabriel;

Clichês em Roxo, Rosa e Azul, de Maria Freitas;

Ainda bem que encontrei você, de Marie Pessoa;

Entre estantes, de Olívia Pilar;

Giselle, de Thais Rocha;

Quinze Dias, de Vitor Martins.

A literatura tem o poder de expandir e transformar nossas realidades através da ficção. Por isso, desejamos que suas leituras sejam recheadas com muitas histórias e personagens diversos — com finais felizes ou tristes —, mas que te toquem e emocionem.

Você nunca estará sozinha



Laura é aquariana, porém não entende nada de signos. Nascida em 2003, é estudante de engenharia de controle e automação, mas tem como hobby escrever histórias sempre que se sente inspirada. É apaixonada por livros desde pequena e lê de tudo um pouco. Seu maior sonho é transformar um mundo em um lugar melhor para as mulheres e para a comunidade LGBTQIA+.

 @laura_c100

 @laura_c1002

Querida E,

Hoje eu sonhei com você. Já fazia tempo que isso não acontecia. O sonho foi bom, mas seria muito melhor poder acordar ao seu lado. Você não faz ideia do quanto desejei que seu rosto fosse a primeira imagem que eu veria hoje ao abrir meus olhos. Mas, infelizmente, ainda não encontrei um gênio da lâmpada capaz de transformar meus desejos em realidade com um simples estalar de dedos.

Graças ao sonho, eu passei o restante do dia pensando em você, pensando em nós, lembrando de tudo que já vivemos. Tantas lembranças lindas, meu amor. Tantas memórias felizes. Se eu pudesse voltar no tempo e reviver todos esses momentos incríveis ao seu lado, eu voltaria sem pensar duas vezes.

Óbvio que a primeira parada da minha viagem no tempo seria a primeira vez que eu te vi pessoalmente. Você estava tão linda naquela festa. Lembro até hoje do meu coração parando de bater por um breve segundo e, depois, disparando como louco. Eu achei que essa sensação passaria com o tempo, mas não. Todas as vezes que te encontrei depois dessa, foram exatamente iguais. Meu coração enlouquece perto de você. Ou melhor, meu corpo todo enlouquece com a sua presença.

Segunda parada: a primeira vez que eu te escutei dizendo que me amava. Foi uma sensação indescritível. Finalmente ter a certeza de que eu havia conquistado o coração da mulher mais linda desse mundo. Eu me senti nas nuvens, como se nada de ruim pudesse me abalar depois disso. Lógico que minha resposta foi sorrir e dizer que eu também te amava. Porque essa era a verdade mais pura do mundo. Todos os meus sentimentos por você sempre foram honestos.

Seguindo minha viagem, eu reviveria a primeira vez que você veio até a minha casa. Nossa, eu estava tão nervosa. Inclusive sinto até que não aproveitei esse momento da melhor forma justamente porque meu nervosismo estava incontrolável nesse dia. Seria ótimo poder reviver e aproveitar direito dessa vez. Mas, mesmo assim, eu estava feliz. Tanta felicidade que não cabia no peito. A verdade é que só estar com você me inunda de alegria. Não importa o lugar,

só o que me importa é ter você como companhia. Um encontro no restaurante mais chique da cidade ou no banco da praça perto da minha casa são igualmente incríveis, desde que eu possa olhar no fundo dos seus olhos e escutar sua voz animada enquanto conta histórias da sua vida durante horas seguidas.

Por fim, eu gostaria de reviver todos os nossos beijos e todos os nossos abraços. Eu sei que já foram muitos, mas não importa quantas vezes eu te beije e quantas vezes eu te abrace, eu sempre vou querer mais. Eu nunca vou me cansar de sentir o gosto doce como mel da sua boca. Sentir o cheiro do seu perfume toda vez que te abraço, toda vez que chego perto do seu pescoço. Sentir que nos seus braços eu estou segura e sou amada de verdade. Eu passaria a eternidade te fazendo tão feliz que nenhum problema do mundo seria capaz de estremecer sua felicidade, nem por um segundo que seja.

Sabe, amor, você não faz ideia do quanto eu sou grata pelo seu apoio. Eu jamais teria coragem de seguir meus sonhos e me manter firme durante o caminho se eu não tivesse você ao meu lado. Fazer faculdade definitivamente não é algo fácil. Na verdade, é até muito mais difícil do que eu imaginava. Fazer faculdade a centenas de quilômetros de distância da minha família, do único lugar que eu já chamei de casa, dos meus amigos e do amor da minha vida, então, é tarefa hercúlea. Só o que eu posso te dizer é um muito obrigada por ter segurado minha mão, mesmo que à distância, todas as vezes que eu pensei em desistir de tudo e voltar pra casa correndo. Eu garanto que, no fim das contas, tudo isso vai valer a pena, meu amor.

Eu tento sempre me fazer de durona, mas a verdade é que essa distância toda está me matando. Tem horas em que mal consigo acreditar que estamos há um mês e meio sem nos ver. A saudade é tanta que parece que faz séculos que eu não te vejo, que eu não te abraço, que eu não te beijo. Eu sei que ainda faltam duas semanas, mas eu já estou contando os minutos até a próxima vez que vamos nos encontrar. Meu coração bate mais forte a cada vez que eu me imagino podendo sentir seu corpo contra o meu novamente. Podendo sentir seu perfume, seus toques carinhosos que me causam tantos arrepios. Podendo te escutar sussurrando em meu ouvido que me ama. E também sei que você sente o mesmo que eu, então é por isso que estou escrevendo essa carta. Para que toda vez que a saudade apertar e a distância parecer grande demais, você leia minhas palavras e saiba que, onde quer que eu esteja, estarei ocupada pensando no futuro brilhante que nos espera e te amando com todo o meu coração.

Eternamente sua,

V.

Autoria: Alan Antunes

Amar é revolucionário



Alan Antunes é um psicólogo e ilustrador apaixonado por desenhar casais LGBTQIA+ e corpos diversos. Mora em São Paulo há 8 anos e ainda tem sotaque do interiorr

 [@naslinhasdesaturno](https://www.instagram.com/naslinhasdesaturno)



AMAR É REVOLUCIONÁRIO

Antes que eles nos peguem



GOGUN é escritor, poeta e editor que flutua pelos gêneros do terror, suspense, fantasia e drama. Escreve desde a adolescência, mas só se lançou oficialmente com o conto O telefonema de Deus, em 2020. Desde então vem colecionando publicações de forma independente, por revistas e até em coletâneas. Quando não está trabalhando com literatura, fica assistindo séries e novelas, joga RPG e brinca com seu gato Astolfo.



Os ruídos das criaturas demoníacas ficavam cada vez mais altos ao redor da cabana de madeira em que nos escondemos. Aqueles monstros quadrúpedes com bocas pútridas derramando sangue viscoso podiam sentir o cheiro de nossos corpos e do sangue de nossos companheiros espalhados pelas roupas. Encostado na parede, tentava acalmar a respiração para não fazer barulhos desnecessários enquanto Damião ofegava pesadamente ao lado.

Olhei de canto para o homem; aquela não era nossa primeira vez fazendo algo arriscado. Fazíamos tudo juntos desde muito jovens. Desde que nos conhecemos, nunca nos separamos.

Pus a mão no peito dele, a luva de couro manchada de sangue. Damião virou o rosto com aqueles olhos verdes tão profundos me encontrando, a pele preta e retinta marcada com borrifos vermelhos e caminhos nas bochechas feitas com suor. Sorri, mesmo diante de uma situação tão assustadora, acontecia sempre que ele me olhava diretamente. Ele assentiu calado, entendendo o pedido feito com aquela ação. Fechou os olhos, respirou fundo e soltou tudo devagar, aliviando os ombros largos.

Despejei todo meu peso em um lado do quadril, apoiando-me nele, e me ergui ligeiramente. Pus metade do rosto na janela embaçada de sujeira procurando alguma coisa do lado de fora, mas a neblina estava densa demais. Vi o vulto de uma silhueta corpulenta com olhos amarelos brilhantes como lamparinas se mexendo na imensidão branca.

Sentei novamente e tomei fôlego com um suspiro.

Não era para as coisas estarem daquele jeito, era uma missão simples quando a recebemos. O líder da cidade próxima havia contratado os Cavaleiros para exterminar apenas *uma* daquelas criaturas, pois ela estava atacando civis diariamente nas redondezas da cidadezinha. Quatro pessoas foram chamadas, eu inclusive, mas minha condição era participar de missões somente se Damião estivesse ao meu lado – e ele tinha a mesma regra. Tínhamos a forte crença que, se estivéssemos juntos, a sorte sorriria para nós. Éramos como amuletos um para o outro nesse sentido. Então, fomos colocados juntos de

outros três cavaleiros e enviados a cavalos pela estrada. Após dias de viagem, chegamos para descobrir que não se tratava de um monstro isolado, mas sim de um ninho cheio deles.

Só havia restado nós dois.

— Se as criaturas conseguirem entrar... — Damião sussurrou, a voz normalmente doce estava trêmula.

— Talvez entrem, por isso precisamos fazer silêncio.

Damião assentiu de novo, os olhos levantaram, buscando soluções. Suspirei, havia sido grosseiro sem querer. Jamais pensaria em ser rude com ele de propósito, apenas queria nos manter seguros como ele nos manteve no passado, bem antes até mesmo de começarmos os treinamentos para brandir as espadas que carregávamos na cintura.

Não tínhamos nada naquele tempo, éramos duas crianças pobres de Porto Infeliz, mas quando o conheci, vi o futuro daquele garoto: Damião havia nascido para ser *enorme*. Ele era mais forte que os outros meninos, mais ágil, mas não era só isso, ele também era educado como quase ninguém naquela região. Conseguia elaborar os melhores planos para brincadeiras e fugas. Comparado a mim, um garoto franzino sem educação nenhuma, ele era um rei.

A aura que o cercava era tão brilhante que me fez segui-lo para onde fosse como uma mariposa voando direto a uma lamparina. Quando os adultos tentavam se aproveitar de nós e pegar nossas (poucas) coisas, ele se levantava como uma figura divina, como o *escolhido* que traria paz ao mundo decrépito em que vivíamos ao empunhar a espada *Aurora* e reverter o caos provocado no passado. Os artistas até podiam pintar o escolhido como uma pessoa mais semelhante a mim, de pele branca e cabelos claros, mas quando Damião se erguia, eu tinha certeza de que era ele.

Mas como todo ser humano, ele tinha suas próprias fraquezas. Ver tantos companheiros morrendo de forma tão brutal parecia ser uma delas. Mesmo após se tranquilizar, a respiração de Damião continuava alta. Com a mão ainda sobre seu peito, sentia os batimentos acelerados e desorganizados. Deslizei a mão por trás de sua nuca, envolvendo seu ombro com firmeza, e o trouxe para perto de mim, aconchegando-o contra o braço.

De relance, seus olhos se arregalaram e acalmaram. A respiração diminuiu o ritmo, o calor de seu corpo se conectou ao meu. Engoli em seco. Costumava ter vontade de tocá-lo daquela maneira, mas nunca a coragem. Ele sempre tinha tantas pessoas, em especial mulheres, interessadas nele, que parecia errado o mero ato de pensar que eu podia lhe dar algum tipo de

carinho. Havia agido por mero impulso. Naquele momento, ele não parecia incomodado, mas eu temia que, se saíssemos dali, ele percebesse minhas intenções e tudo mudasse.

— Obrigado — ele sussurrou.

Perdi o compasso da respiração ao ouvir sua voz tão doce. Aliviei a expressão e os dedos em volta dele e acalmei o corpo, abrindo um sorriso. Não era momento de agradecimentos, mas também quis agradecê-lo por estar comigo *sempre*.

Uma das criaturas acertou o corpo contra a parede atrás de nós, causando um estrondo. O susto subiu por nossas gargantas. Cobrimos a boca um do outro com as mãos, evitando ruídos desnecessários e nos encaramos em silêncio.

Aquelas enormes esmeraldas me contemplaram profundamente. Senti todo medo derretendo com o calor de seu olhar. Entreabri os lábios contra sua mão nua e toquei sua pele com um beijo suave. As sobrancelhas dele se curvaram, mas não era incômodo que refletia sua expressão... era prazer.

O monstro se afastou bufando. Tinham intelecto limitado, de acordo com os estudos realizados pela organização. Jamais abriam portas, por exemplo, mas conseguiam derrubá-las se mirassem e atacassem com força. Só que até uma atitude dessa exigia um nível de raciocínio que eles não possuíam. Sorte nossa. Estávamos seguros ali.

Retiramos as mãos das bocas um do outro devagar, sem deixar de trocar olhares. Damião abriu o sorriso mais lindo do mundo e eu sorri de volta. Meus olhos desceram até seus lábios. Daquela distância, pareciam tão macios... Soltei o ar fechando os olhos. Queria sentir sua boca e, naquele instante, essa vontade era ainda maior. Talvez porque podíamos morrer a qualquer momento, talvez porque eu não aguentava mais guardar só para mim toda aquela vontade. Suspirei frustrado.

Voltei a me sustentar num lado do quadril para espiar a situação do lado de fora, afastando os desejos que enchiam meus pensamentos. Tudo continuava igual – a neblina espessa, os olhos brilhantes, os vultos. Desci o corpo e removi as luvas botando-as no chão ao lado. Juntei as pernas e abracei os joelhos. Damião, mais calmo, franziu o cenho.

— Muitos? — perguntou sussurrando e eu concordei em silêncio. — Então, teremos de passar a noite aqui. Essas criaturas ficam até seis horas cercado um alvo, porém, depois disso, se sobrevivermos, elas irão embora atrás de outro alimento.

— Estamos no ninho deles... isso não interfere?

Damião apertou os lábios, deixando-os mais pronunciados. Foi im-

possível não voltar a encará-los e morder os meus. Ele levantou os olhos ao mesmo tempo e isso evitou o constrangimento com o qual teríamos de lidar caso notasse meu desejo por sua boca. Fazia isso quando estava elaborando um plano ou tentando achar alguma informação naquela enciclopédia que era seu cérebro.

— Não. Ninhos são apenas pontos de encontro deles, ou seja, de onde eles saem e para onde voltam inevitavelmente. Se pudermos aproveitar a brecha, podemos fugir daqui sem morreremos como...

A voz dele se perdeu e os olhos ficaram arregalados. Cobriu a boca com a mão, apertando os olhos com o embrulho no estômago. Damião nunca havia presenciado nenhuma morte como aquela. Diferente de mim, que havia visto a morte dos meus pais, ele apenas havia sido abandonado para sobreviver sozinho pelas ruas da cidade.

Cortei a distância entre nós novamente, puxando sua cabeça contra meu peito. Abracei-o como se fosse uma criança assustada. Como ele fazia comigo quando ficava com medo dos adultos que se aproveitavam de seus tamanhos e roubavam nossa comida. Só não esperava a reação que ele teve logo depois.

Damião me abraçou.

O rapaz aconchegou o rosto no meu peito, conosco ainda sentados no chão, e me envolveu com seus longos braços fortes. Fechei os olhos, aproveitando o momento. Os barulhos externos se tornaram uma melodia feroz para aquele instante tão precioso. Apoiei o queixo no topo da cabeça dele, os cabelos crespos escuros como a noite exalavam uma mistura de odores, mas me foquei apenas em um deles: o de Damião.

— Halder, posso te pedir algo? — Damião sussurrou com a voz abafada no meu peito.

— Claro, o que você quiser.

— Antes que eles nos peguem, eu posso te beijar?

Levantei o queixo e ele afastou alguns centímetros com um sorriso brincalhão. Meu coração acelerou ainda mais, quase saindo pela caixa torácica. Ele não costumava fazer piadinhas, mas quando fazia eram sempre imprevisíveis. Aliviei a expressão com um sorriso derrotado, esperando que ele falasse que era um teste para ver minha reação, entretanto, ele não seguiu meus pensamentos.

— Você ficou vermelho — disse ele, mordendo os lábios para não rir.

— É porque você falou isso do nada — respondi, desviando o rosto.

— Isso significa que não posso?

— Eu não disse isso.

Senti-o se afastando enquanto eu olhava para uma das janelas por onde os vultos continuavam passando. As mãos de Damião tocaram minhas costas, então desceram um pouco, encaixando-se em minha cintura. Virei o rosto de novo e encontrei as esmeraldas que eram seus olhos me contemplando a poucos centímetros, conseguia até sentir sua respiração contra minha pele.

Arregalei os olhos. O coração errou uma batida. Baixei os olhos até seus lábios e, quando voltei a encará-lo, ele também olhava os meus. Todo o som ao nosso redor se dissipou dentro de mim. Fechamos os olhos devagar e pus as mãos nos ombros de Damião.

— Posso? — sussurrou tão próximo da minha boca que pude sentir seu hálito.

— Eles não vão nos pegar.

— Então, vamos considerar uma recompensa antecipada pela missão.

Após aquele último sussurro, ele me beijou. Cuidadoso, gentil. Os lábios eram macios e ao mesmo tempo firmes. Abrimos um pouco mais as bocas e elas encaixaram perfeitamente. Brincamos com nossas línguas, tocando uma na outra, como se pudéssemos sentir o sabor um do outro assim. Tudo dentro de mim começou a reagir como se um barril de pólvora explodisse no meu coração.

Quando o beijo terminou e ele se afastou um pouco, eu tive duas certezas: que seus lábios eram mesmo tão gostosos quanto eu imaginava e que eu precisava senti-los novamente. Agarrei seu rosto com as duas mãos, me impulsionando sobre ele e voltando a beijá-lo. Derrubei o cavaleiro no chão de madeira, sem gentileza alguma.

Um dos demônios voltou a acertar as paredes com murros por causa do barulho, mas nenhum de nós deu importância alguma àquela besta. Naquele momento, só existíamos nós dois no mundo inteiro.

Ficáramos ali por muitas horas e eu não queria perdê-las com medo de morrer. Queria vivê-las. Vivê-las intensamente fazendo aquilo que sempre quis: estar com meu amor, estar com Damião.

Entre carícias, beijos e apertos, fomos mergulhando nos corpos um do outro.

As peças de roupa e alguns pedaços de metais foram colocados de lado. Nossos corpos nus se encontraram no chão duro – duros também estavam nossos corpos, tensos e excitados. As criaturas continuavam cercando,

rosnando e bufando. Tivemos que manter os lábios comprimidos um no outro para não fazer barulho. Não podíamos perder tudo apenas por estarmos juntos. Mesmo assim, eles ainda acertaram as paredes mais algumas vezes antes. A única coisa que caiu após algum tempo foram nossos corpos cansados e cobertos de suor.

— Isso foi incrível — disse, quase sem ar.

— Muito...

— Pelo menos, se morrermos aqui tenho certeza que aproveitei a vida.

— Não. Não podemos morrer aqui.

Falei e me sentei ao seu lado, ainda com a respiração entrecortada e as mãos no chão. Ele me olhou confuso, pois eu não era a figura mais otimista que conhecia. Em circunstâncias normais, eu estaria apenas aceitando que poderíamos morrer a qualquer momento, como estava minutos antes. Só que, naquele momento, eu tinha um motivo para querer continuar vivendo naquele mundo horrível. Amar e ser amado por Damião valia o preço de enfrentar aquele mundo.

— Vamos sair daqui e eu ainda irei te beijar muitas vezes mais.

Damião sorriu e sentou também.

— Você promete?

Roubei um beijo do homem que amava, a confiança fluindo em mim. Uma confiança que vinha do fundo do coração; a certeza de ser amado que mudava absolutamente tudo.

— Eu juro.

Damião me puxou para um beijo rápido, selando nossa promessa.

Vestimo-nos sem nenhuma pressa, aproveitando para admirar o corpo um do outro. Espiei pela janela e os vultos pareceram menos numerosos. Damião também deu uma olhada numa delas e fez a cara de pensativo dele.

— Podemos derrotá-los ao invés de esperarmos e corrermos o risco de encontrá-los no meio do caminho.

— Como?

Ele sorriu, cheio de certezas. Aquilo me deu esperança. Se ele acreditava que podíamos vencer o combate, eu também acreditaria. Ele segurou o punho da espada com firmeza. Explicou seu plano e como poderíamos usar o baixo intelecto das criaturas para derrotá-las: usar o espaço estreito da entrada, chamar atenção das criaturas e fazer uso da selvageria delas contra elas mesmas. Se desse certo, o que tive certeza que daria, teríamos de lidar com menos criaturas por vez. Nossas espadas dariam conta – e, se fosse necessário, poderíamos usar a porta como um escudo ágil.

Brandimos nossas espadas com as mãos dadas. Demos um último selinho que estalou no ar, invocando nosso amor. Abrimos a porta sem medo de sermos vistos e gritamos, anunciando que nossa existência era forte o suficiente para enfrentar todos os monstros que estavam lá fora. Sabíamos que podíamos vencer porque estávamos prontos para derrotar aquelas bestas desumanas e sair da caixa em que elas nos prenderam.



Créditos

Equipe editorial

Ana Farias Ferrari
Camila Paixão
Luísa Scheid
Tatiane Lucheis
Thais Rocha

Equipe de design

Rafael Lopes

Autores Selecionados

Gogun
Laura Cardoso
Morgana Feijão

Autores Convidados

Alan Antunes
Thiago Ambrosio Lage

Fotos

Anna Shvets  @sh.vetss
Cottonbro  @cottonbro
42 North  @42north.ca

Apoiadores

Ariane Barreto Haagsma
Bárbara de Lima Morais
Elizabeth Fortunatti Albregard
Érulos Ferrari Filho
Lucas Eiji Kong Fukue
Nicole Alcântara Botelho
Velani Salim Diz
Willian Miyasaka

Antigos Apoiadores

Benjamin Franco
Camila Cristina Crosnagac
Fracalossi
Daniele Ferreira
Diego Toledo

Apoie esta revista

Se você gostou do conteúdo e quer nos ajudar a caramelizar mais maçãs, você pode nos apoiar através do Catarse. A Revista Maçã do Amor conta com voluntários, que editarão e publicarão a revista independentemente do valor arrecadado. Ao apoiar, você ajuda a garantir que esse trabalho aconteça com a remuneração da equipe e futuramente dos artistas publicados. A Maçã do Amor é feita de brasileiros para brasileiros, focada na expressão de artistas nacionais. Financiar a Maçã do Amor é financiar a literatura e a arte visual nacional.

Dê uma maçã

Se você gostou do conteúdo mas não pode nos apoiar financeiramente, compartilhe esta revista com seus conhecidos. Ajude-nos a levar amor para todos os cantos. Além disso, você também pode votar através do nosso site e dar uma maçã virtual para seus artistas favoritos.

[Vote aqui!](#)

Participe

A Maçã do Amor é uma revista de participação aberta. Você pode enviar seus textos através dos editais para as redes sociais ou para a revista. Confira nosso site para maiores informações e seja você também uma Maçã do Amor.

 www.revistamacadoamor.com

 [@leiamacadoamor](https://twitter.com/leiamacadoamor)  [@leiamacadoamor](https://www.instagram.com/leiamacadoamor)